
Giordano, C. *História d'As mil e uma noites*. Campinas/São Paulo: Editora da Unicamp/Oficina do Livro Rubens Borba de Moraes, 2009, 166 p.

A tradução sempre esteve nos caminhos da mais famosa obra da literatura árabe, a extensa coleção anônima de narrativas conhecida como *Alf layla wa-layla* (sécs. XIII-XIV), comumente denominada em português de *As mil e uma noites*. Sem dúvida, o ato tradutório foi fundamental tanto para sua recepção e transformação no Ocidente quanto para seu

desenvolvimento no Oriente, pois muito antes das contínuas traduções ocidentais que o livro recebeu a partir do século XVIII, as *Noites*, na condição de obra com raízes externas ao mundo árabe, supostamente foram arabizadas e islamizadas com o auxílio da tradução. Além disso, mesmo sua constituição oriental tardia, não livre da influência do sucesso das narrativas de Shahrazad na Europa, valeu-se desse recurso para a inclusão de várias histórias em seu *corpus*.

O escritor argentino Jorge Luis Borges, um dos principais entusiastas das *Noites* na literatura moderna, em sua conferência “*Las mil y una noches*”, profe-

rida no Teatro Coliseo, de Buenos Aires, em 1977, afirmou que abordar a história do livro é falar sobre suas traduções (BORGES: 2001, p. 236). Não por acaso, Borges discorreu a fundo sobre elas no ensaio “Los traductores de *Las 1001 noches*”, de *Historia de la Eternidad* (1936), um dos textos que testemunham o alcance da maturidade de suas ideias sobre tradução.

Pois foi na leitura desse ensaio que o bibliófilo, editor e tradutor paulista Cláudio Giordano declarou ter se inspirado para escrever a sua pequena *História d’As mil e uma noites*, publicada em 2009 pela Editora da Unicamp em parceria com a Oficina do Livro Rubens Borba de Moraes, entidade cultural criada e dirigida por ele, que faz questão de ressaltar que seu trabalho não é erudito nem exaustivo, mas suficientemente informativo da presença das *Noites* no Ocidente, tendo como objetivo ampliar o interesse do leitor brasileiro por elas (GIORDANO: 2009, p. 11-2). Em suas próprias palavras, o livro é uma “discreta resenha histórica” (p. 10). Por is-

so, dada a natureza da proposta, não se deve exigir que o volume ultrapasse o cabível a um estudo de caráter introdutório. Aliás, a perspectiva dominante nele é a do olhar de um bibliófilo e não do de um especialista em literatura árabe ou tradução.

O estudo sobre as *Noites* propriamente dito ocupa somente metade da obra, enquanto que as demais páginas compreendem os seus “Adendos”, uma seleção de paratextos de traduções do livro seguida de um breve comentário de sua ressonância entre alguns escritores, o qual é ilustrado com a inclusão de dois contos que se propuseram como continuções das narrativas árabes. Quase tudo traduzido por Giordano.

De acordo com o autor, a redação preliminar de sua *História* foi realizada no princípio da década de 1980, sendo que o seu acabamento só se deu na ocasião em que ele resolveu publicá-la (p. 9-10). E aqui se origina um problema embaraçoso para seus esforços, visto que foi uma decisão desafortunada de sua parte não proceder com a atualização

efetiva do material. Parece que o único expediente empregado nesse sentido foi o de complementar o que se dispunha ao invés de modificá-lo. No “Pórtico” do livro, por exemplo, uma solução questionável tenta dar conta do anacronismo gritante configurado pelo desejo de seu autor de que as páginas do estudo também sirvam “para provocar os brios de nossos editores e homens de letras, a fim de que façam acontecer na língua portuguesa uma tradução direta dos originais árabes.” (p. 12) Tradução que, como se sabe, já existe, uma vez que o professor da USP Mamede Mustafa Jarouche vem publicando desde 2005 pela editora Globo os volumes de seu *Livro das mil e uma noites*. Ciente disso, mas se negando a alterar seu texto, Giordano se dá por satisfeito com uma nota de rodapé esclarecendo a passagem: “Lembre-se de que escrevíamos em meados de 1980.” (p. 12)

A tradução de Jarouche, apesar de sua importância, não é assunto para mais de dois parágrafos no espaço reservado às

edições em português das *Noites*, sem contar que o capítulo dedicado à origem da obra poderia pelo menos privilegiar informações mais confiáveis e atualizadas, como as disponíveis naquela versão, e não se restringir apenas às fornecidas por tradutores mais antigos, especialmente oitocentistas, já que disso resultou a colocação fora de dúvida da crença de que o livro, em seus contornos gerais, é a compilação de um repertório oral de histórias. Afinal, a hipótese vem sendo reconsiderada por estudiosos contemporâneos. Para Jarouche, as *Noites* basicamente transitaram da elaboração escrita à assimilação oral e não o contrário (JAROUCHE: 2005, p. 28). Ademais, ainda na exposição do bibliófilo sobre a origem da obra, sente-se falta de comentários contemplando minimamente seus manuscritos e suas edições árabes.

A propósito do capítulo “As *Noites* no Ocidente”, que se debruça sobre versões ocidentais do livro, nele são apresentadas dez traduções suas para línguas estrangeiras (francês, alemão, in-

glês, espanhol e italiano) e doze para o português. Infelizmente, a apresentação das edições carece de organização metodológica. Dependendo da qual é destacada, Giordano pode informar ou não dados editoriais como título, editor e local de publicação. Tão só as datas de aparecimento das obras nunca são omitidas.

Nota-se que a não menção de títulos é persistente no estudo, sobretudo quanto às traduções estrangeiras. Mesmo o da versão francesa pioneira de Antoine Galland, *Les mille et une nuits* (1704-17), a que mais recebe atenção ao longo do livro, não aparece senão nas referências e na iconografia. Algo com o que sequer contam as *Tausend und eine Nacht* (1838-41), de Gustav Weil, e *The thousand and one nights* (1839-41), de Edward William Lane. Acrescente-se também que Giordano abusa no uso de citações diretas e demasiado extensas, o que frequentemente minimiza sua voz na argumentação.

Por outro lado, o inventário das edições em nosso idioma, organizado sob a forma de

notas, deve ser tomado como incentivo para um mapeamento mais completo e sistematizado da publicação das *Noites* em língua portuguesa, muito embora nesse painel compareçam deslocadas as considerações sobre a tradução de René R. Khawan, também intitulada, como a de Galland, *Les mille et une nuits* (1986). O autor demora-se nela no contexto da edição da editora Brasiliense (1990-91), quando poderia ter feito isso, para manter a coerência do plano de seu estudo, na oportunidade em que a alude rapidamente entre as versões estrangeiras.

As escolhas dos “Adendos” de Giordano são também bastante pertinentes. Richard Francis Burton, aparentemente o tradutor mais admirado por ele, é o destaque dessa parte do livro. Sem dúvida, o capitão inglês, que inclusive foi cônsul da coroa britânica no Brasil, é uma figura das mais fascinantes, colecionando, dentre outras proezas, uma peregrinação a Meca disfarçado de muçulmano e a busca das nascentes do Nilo. De seu *The*

book of thousand nights and a night (1885-86) disponibilizou-se a introdução e um excerto do prólogo-moldura, acompanhados da tradução de observações suas sobre o processo de subscrição e o estilo de seu trabalho, cujos paratextos são reconhecidamente um valioso documento antropológico sobre o mundo islâmico.

Por fim, completam o livro de Giordano traduções da dedicatória e da primeira “Advertência” da versão de Galland e a seção sobre as *Noites* e os escritores, que traz as histórias “Novo entretenimento *d’As mil e uma noites*” [“A new *Arabian Nights*’s entertainment”, 1785], de Horace Walpole (inédita no país),

e “O milésimo segundo conto de Sherazade” [“The thousand-and-second tale of Scheherazade”, 1845], de Edgar Allan Poe.

A despeito de seus problemas, *História d’As mil e uma noites* é antes de tudo uma obra despretenhiosa e louvável. Contudo, levando-se em conta a trajetória de seu autor, responsável por iniciativas editoriais e culturais significativas, e a quem, mencione-se, foi concedido o prêmio Jabuti 1999, categoria tradução, pela sua transposição do romance de cavalaria catalão *Tirant lo Blanc* (1490), de Joanot Martorell (São Paulo: Giordano, 1998), cabe dizer que o bibliófilo ainda fica devendo.

Marcelo Bueno de Paula
UFSC
